# O VAZIO E LENTO RUMINAR DAS VACAS

MAIKE CABRAL

***2021***

*Abusus non est usus, sed corruptela.*

# O VAZIO E LENTO RUMINAR DAS VACAS

Eis que um antigo poeta escrevia "*se as vacas fossem tolas demais saltariam as cercas e rumariam aos asfaltos*". Peculiar afirmação burlesca de destreza inviolável. Até seria válido averiguar as possíveis teias de aranha do pensamento que pervadem este trecho insuspeito e impensável da poética andrajosa. Afinal, o que o poeta queria transmitir em seu basófilo disparate? Eis as elucubrações do presente texto.

Esses animais de couro louvor denominados *vacas* escondem em sua bruteza servil traços de uma paz e recolhimento que poucas criaturas hão de possuir. Sagradas aos que as comem – e aos que vomitam ao pensar na possibilidade –, as vacas desfilam pelo cenário do mundo como rotundos seres ignóbeis de duras ancas rebolonas e macias faces sortidas, sem reclamar muita atenção em seu premente mistério. Não mordem mais que sua grama peluda, não correm mais que suas tetas permitem. Não choram, não reclamam, não gritam: as vacas mugem sem saber que a lua foi feita para os lobos. Truculentas no desfile, estas pródomas refeições glamourosas são festins em forma de bicho.

Elegância inata, seu dissabor requerido esconde um sabor intelectual que o poeta em questão quis exaltar: a mansidão; e esta virtude sutil e dócil do ser é buscada pelos mais santos sábios, pelos mais garbosos mestres, pelos mais doutos pedagogos – enquanto elas, a possuem em primazia! É quase como seu próprio leite manhoso que só os safos conseguem beber. Ser vaca é ser multíscio.

Groselhas à parte, observemos uma, mesmo que pelos olhos do espírito. Se fizeres um exercício imaginativo – agora mesmo ao ler estas linhas – poderás ver uma delas a pastar, frondosa, súpera, vitalícia, sem muito ralhar. Parada em meio ao verde campo, lateralmente disposta ao calor do sol, a vaca é um sinônimo vivo e exaustivo da leveza do não-pensar. Nisto elas são tão *Zenz* quanto os mais trítios gurus.

Acondicionadas ao seu *Dharma* peculiar, imóveis perante os turvos dilemas da vida, em seu *Sansara* bovídeo não há desilustre instante que as desliguem do supremo momento. Até mesmo os pássaros piolhentos que repousam sobre seus supedâneos

montes não lhes causam pruridos onde são invioláveis. Para a vaca, nada é deletério, tudo é pervencido.

Autóctones de um paraíso silencioso, nossas queridas mimosas sabem como cumprir seu papel natural. Na verdade, elas nem sabem, e daí decorre sua graça. São o que são sem esforço, e mesmo assim, são como deveriam ser. Verdadeiras *lamas* estas damas de malhas amadas...

É admirável sua condescendência, sua abnegação e sua animosidade. Dificilmente encontramos temperamentos enervos entre essas monjas que *couriscas*. Quando sim, geralmente explodem se percebem em risco suas crias infantes, o que já nos conduz ao seguinte raciocínio: as vacas também tem a virtude das mães. Sim, jamais elucubrariam o pauperismo de capim como argumento para seu planejamento familiar. Aliás, entre elas, jamais se popularizaria o adágio "*meu corpo, minhas regras*" pelo simples fato de seu corpo lhe pertencer apenas na medida em que permanecem na existência, e não como um direito constitutivo e legal segundo uma ideologia infecta e fecal. Em suma, a sabedoria das vacas se esconde em seu vazio e lento ruminar.

Esta é a atividade filosófica destes seres incríveis, seu emblema. Criando um bolo, engolindo, subindo, mastigando, engolindo, subindo – não necessariamente nesta bendita ordem –, as leitosas praticam este exercício de meditação profunda, sim, cujo o tema é a única coisa que talvez compreendam diretamente: o comer. Se for genuíno dentre os filósofos a crença de que se de todos os esforços do pensamento uma só verdade for aprendida pela inteligência sua filosofia já estará dada, as vacas poderiam ser consideradas, sem dúvida alguma, *Bos taurus* socráticas.

Possuidoras de tais virtudes em pleno, as vacas jamais deixariam sua atmosfera de zênite para buscar nas trevas exteriores aventuras descampadas. Longe disso! Se ocorre um tal imprevisto, será sempre por consequência de uma ingênua confluência: cercas furadas; portões destruídos; moleques travessos; somente aí surgem as possibilidades de um não voluntário escapismo ao destino. Não há deliberação formal entre as vacas para romper o *metacerco*. É neste sentido que elas são símbolos fiéis de uma nova humanidade a ser formada lentamente.

Até então, discorremos tão somente sobre as graças e virtudes que fazem das vacas animais gregários de caráter exemplar – baseados sempre na antífona do citado poeta.

Porém, agora podemos construir, em rudes traços, algumas analogias elásticas entre essas graciosas criaturas e a nova humanidade parida do delírio elétrico em cercas virtualizadas.

Vacas não tem dilemas. Vacas apenas ruminam enquanto aguardam a culminação letal de sua existência – onde serão desmembradas e consumidas conforme o apreço. Sua existência é gregária e solitária ao mesmo tempo. São felizes, insossas, cruas. Sequer cogitam os limites intransponíveis dos arames. Aí está sua artimanha mais bovil: ser presa.

A prisão do existir é para as vacas sua suprema e dócil satisfação. Imaginem: um lastro esverdeado de regalo fácil e benfazejo banhado pelo mais cálido sol que anuncia a vida – e tendo a prole garantida pelas farpas limítrofes do homem! Não há cenário mais concernente, pois, a garantia do comer; do crescer e do reproduzir, que é para as vacas a condição perene de sua segurança, está presente.

As vacas querem segurança. Não desejam o véu vermelho que atiça os olhos e provoca os chifres. Isto é para elas o suplício em forma de pano. Nada como uma vida mansa, sem lança de toureiro, sem feras saltando às moitas. A vida deve ser tal qual elas mesmas: sólidas e robustas. Precisa daquela garantia massiva de que, faça noite ou faça dia, se se gela se se frita, ali estará o recanto esmeralda das pontiagudas e saborosas farpas que ascendem na terra santa.

Segurança e ausência de dilemas, eis dois traços característicos daqueles que vivem cercados. Foi-se o tempo em que esta cerca era a doutrina sagrada de uma religião revelada; o domínio caloroso de uma comunidade natural; ou até mesmo a voz silenciosa de um Deus magnífico que lhe garantia a existência sussurrando em seus ouvidos: *creia*. Mas não, não é mais o caso. O ocaso da visão mística de existência, da natureza, da ciência e tudo o mais reduziu todos a um pragmatismo utilitarista nas variantes mais ignóbeis: carne de corte, consentes à sorte.

Portanto, das vacas podemos reter: mansas na medida em que encontram sua matéria de luxo; gregárias ao menos no sentido do fluxo; felizes sem medo do destino inferno - pois já não concebem o carvão incandescente como possibilidade.

•••